

A (Não) Prática do Jornalismo de Dados na Imprensa Regional: Um Diagnóstico do Trabalho de Jornalistas do Cariri (CE)¹

Cícero Rafael da SILVA²

Klébia de Souza SILVA³

Ivan SATUF⁴

Universidade Federal do Cariri, Juazeiro do Norte, CE

RESUMO

Diante da crescente importância do jornalismo de dados (MANCINI; VASCONCELLOS, 2016; TRÄSEL, 2017), o objetivo desta pesquisa é compreender o cenário atual da prática entre jornalistas profissionais que atuam na região do Cariri cearense. A metodologia compreende entrevistas semiestruturadas com sete jornalistas de diferentes meios de comunicação. Como resultado, a pesquisa detectou a baixa adesão dos profissionais ao jornalismo de dados. As contribuições desta pesquisa apontam para entraves ao desenvolvimento da prática na imprensa regional: desinteresse em relação ao trabalho com dados e a ausência de conhecimentos especializados.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo de dados; imprensa regional; ensino de jornalismo; Cariri; comunicação.

INTRODUÇÃO

A prática jornalística é uma atividade que vive em constante mudança. Desde os primórdios do jornalismo impresso até os dias atuais, marcado pela convergência das mídias (JENKINS, 2009), o profissional da imprensa teve que adotar e desenvolver novas posturas e habilidades para acompanhar o ritmo das demandas nos processos de produção e circulação de notícias.

Na atualidade, exige-se cada vez mais que o profissional esteja habilitado para trabalhar, dentro das suas investigações, com dados no universo digital. Essa nova prática, denominada de “Jornalismo Dados”, pode ser definida como a “aplicação de técnicas computacionais e científicas na apuração, edição, publicação e circulação de produtos jornalísticos” para ampliar as capacidades investigativas (TRÄSEL, 2014, p. 15).

Embora importante no contexto atual, o jornalismo de dados ainda não é uma realidade em muitos veículos jornalísticos regionais. Por necessitar de saberes interdisciplinares, poucos profissionais possuem em sua formação conhecimentos para

¹ Trabalho apresentado na DT/IJ 1 – Jornalismo do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 20 a 22 de junho de 2023.

² Estudante de Graduação 6º semestre do Curso de Jornalismo da UFCA, e-mail: rafael.silva@aluno.ufca.edu.br

³ Estudante de Graduação 6º semestre do Curso de Jornalismo da UFCA, e-mail: klebia.souza@aluno.ufca.edu.br

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFCA, email: ivan.satuf@ufca.edu.br

trabalhar com dados. Em vista disso, recai sobre os cursos de graduação o desafio e a responsabilidade de formar jornalistas aptos a desenvolver essa nova prática.

Neste artigo, investigamos como se dá a prática do jornalismo de dados na Região do Cariri, localizada no sul do estado do Ceará. Aqui, analisamos principalmente as habilidades dos profissionais caririenses e as problemáticas relativas à formação profissional, que dificultam o trabalho com dados pelo jornalismo local. Os resultados permitem traçar um diagnóstico da realidade regional e ajudam a pensar em alternativas de ensino que promovam a prática do jornalismo de dados no Cariri. Além disso, contribuem para um campo de pesquisa em desenvolvimento.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

À medida que as tecnologias evoluem, a sociedade e a comunicação também se reconfiguram. O uso de bases de dados na construção de narrativas jornalísticas abriu novas perspectivas para o campo da comunicação e revolucionou o modo de noticiar. Oriundo do Jornalismo de Precisão e da Reportagem Assistida por Computador (TRÄSEL, 2014), o jornalismo de dados se apresenta como um complemento às formas clássicas de narrar, porém com maior “precisão, acurácia e exatidão” (OLIVEIRA; ANGELUCI, 2019, p. 414). Indo além, Mancini e Vasconcellos (2016, p. 72), afirmam que o uso de métodos investigativos nas Ciências Sociais, somados à computação, “ajudaram os jornalistas a aprimorar o seu próprio conhecimento acerca da realidade social e política, reduzindo a dependência de fontes externas ao processo de produção e de análise da informação”.

Embora o jornalismo sempre tenha usado dados em suas matérias, é preciso ressaltar a diferença existente entre reportagens “com” dados e “de” dados. Enquanto as primeiras “se apropriam de dados de forma ilustrativa”, as do segundo tipo “os dados seriam a própria razão da reportagem” (MANCINI; VASCONCELLOS; 2016, p. 75). Sobre essa lógica de produção, França e Alves (2020) argumentam que para o jornalista contemporâneo, ter competências para desenvolver tais produtos oriundos da prática investigativa com dados é, hoje, imprescindível. Na mesma linha de raciocínio, Oliveira e Angeluci (2019, p. 400) ressaltam que todos os profissionais do jornalismo, sejam estudantes ou já atuantes no mercado, necessitam de uma formação direcionada ao trabalho com dados no universo digital, numa perspectiva de “especialização jornalística

fluida, multiplataforma, computacional e mais interdisciplinar”, e que supere a rasa ideia do apenas “escrever bem”, paradigma associado ao jornalismo impresso (SILVA; MARTINS; 2019, p. 06).

Com o propósito de entender como se dá o ensino do jornalismo de dados nos cursos de graduação, Ventura (2021) realizou um levantamento das instituições públicas de ensino que possuíam entre as disciplinas ofertadas, cadeiras relacionadas ao jornalismo de dados. Segundo a pesquisadora, das 305 instituições de ensino superior brasileiras que ofertavam o curso de jornalismo em 2019, apenas 88 (28,9% do total) ofertavam alguma disciplina relacionada ao trabalho com dados. Além de mostrar um déficit na oferta de ensino de jornalismo de dados, o levantamento revelou também um movimento ainda lento das instituições rumo à inclusão de novas formas de produção, consumo e circulação de notícias vigentes na atualidade.

Portanto, se há uma baixa oferta no ensino de jornalismo de dados, há também mais profissionais aquém do esperado pelo cenário atual. O saber e fazer jornalismo de dados pode gerar informações mais relevantes para o leitor, tornando não só os dados mais acessíveis e significativos para a sociedade, como também aumentando a potencialidade fiscalizadora do jornalismo, sobretudo no âmbito local. Principalmente porque, em diversos países, inclusive no Brasil, o jornalismo de dados se insere num contexto de disseminação da cultura de dados abertos na web" (MANCINI; VASCONCELLOS; 2016, p. 70), é de grande relevância formar jornalistas aptos a lidar com essas novas ferramentas em um cenário de convergência midiática.

METODOLOGIA

O percurso metodológico consistiu em entrevistas semiestruturadas com sete jornalistas profissionais, todos com atuação nas duas maiores cidades da região do Cariri: Juazeiro do Norte e Crato. As entrevistas foram realizadas presencialmente e gravadas em áudio com a autorização dos entrevistados. Seguindo os preceitos éticos, optamos por substituir os nomes das fontes por uma enumeração simples: Entrevistado 1, Entrevistado 2, sucessivamente. Cada jornalista respondeu a 20 perguntas, sendo sete delas pessoais, como nome, idade e veículo em que trabalha. Como forma de organização, o roteiro das perguntas foi dividido em quatro eixos: 1) Formação Acadêmica; 2) Conhecimento e

usabilidade de ferramentas de transparência pública; 3) Domínio instrumental e técnico em ferramentas de análise de dados; 4) Rotina de trabalho.

Realizadas as entrevistas, partimos para a análise das respostas. Foram identificadas duas categorias para a compreensão do cenário do jornalismo de dados na região do Cariri e os problemas associados à formação profissional, que dificultam o desenvolvimento de reportagens guiadas por dados: "Desconhecimento dos dispositivos de transparência pública" e "Formação e falta de conhecimento técnico". A seguir, cada uma delas será explorada.

DESCONHECIMENTO DOS DISPOSITIVOS DE TRANSPARÊNCIA

De forma unânime, os profissionais entrevistados afirmaram ter um conhecimento apenas “básico” da Lei de Acesso à Informação (LAI), mesmo o dispositivo legal já existindo há mais de uma década. Dos sete jornalistas, apenas três disseram que já realizaram algum tipo de solicitação via E-sic (Sistema Eletrônico de Informações ao Cidadão) ou fizeram buscas em portais da transparência.

A maioria afirmou não utilizar a LAI com frequência por falta de conhecimento; por trabalhar com informações e notícias ligadas ao factual e/ou porque quando necessitam de dados, recorrem às assessorias de imprensa. Ainda, indagados sobre a frequência em que utilizam a Lei de Acesso à Informação para a construção de matérias, todos os entrevistados afirmaram ter pouca aderência. Em relação à LAI, um dos entrevistados apontou a morosidade no envio das respostas pelos órgãos públicos como um empecilho à usabilidade da lei: “É muito demorada a resposta, e a gente trabalha com o jornalismo factual. Reportagens mais longas, que precisam de mais dados, a gente não faz muitas” (ENTREVISTADO 4). Outro jornalista afirmou não utilizar a legislação pela falta de demanda de notícias que careçam de tal recurso.

FORMAÇÃO E FALTA DE CONHECIMENTO TÉCNICO

Dentre os entrevistados, apenas três afirmaram que, durante a graduação, tiveram algum conteúdo voltado ao jornalismo de dados. Um único entrevistado disse ter feito um curso na área depois de concluir a graduação. Nenhum dos profissionais tiveram contato, durante seu processo de formação acadêmica, com conteúdos voltados à estatística aplicada, importante para o trabalho com dados.

Sobre o domínio técnico, quatro dos sete entrevistados disseram saber abrir arquivos em formato CSV (comum em bases de dados) em planilha eletrônica, contudo, apenas dois afirmaram saber analisar dados a partir do recurso Tabela Dinâmica de softwares como Excel e Google Planilhas. Sobre o conhecimento sobre fórmulas no Excel, a maioria afirmou saber apenas as mais básicas. “Sei o básico de algumas delas. Média, mínimo e máximo. Inclusive, utilizamos agora na eleição, e descobrimos o candidato com maior número de votos em determinada cidade” (ENTREVISTADO 1). Um único entrevistado disse possuir algum conhecimento um pouco mais avançado sobre linguagens de computador (Python ou R, por exemplo), mas não aplicado ao jornalismo de dados.

CONCLUSÃO

A pesquisa constatou o domínio insuficiente dos profissionais entrevistados para lidar com o emergente campo do jornalismo de dados. Como consequência, é praticamente inexistente a produção jornalística regional que realiza um trabalho adequado com dados quantitativos. A atuação dos jornalistas se limita à consulta simples e objetiva de informações em portais de transparência pública, sem o desenvolvimento de análises com apoio de softwares de planilha eletrônica.

Em linhas gerais, pode-se argumentar que o cenário regional aponta para duas causas principais: 1) baixo interesse dos profissionais por agregar perspectivas inovadoras ao trabalho jornalístico, 2) ausência do ensino de jornalismo de dados nos cursos de graduação. Sobre este último ponto, a Universidade Federal do Cariri (UFCA), única instituição de ensino superior que possui curso de jornalismo na região, iniciou em 2019 um esforço para integrar os conhecimentos de jornalismo de dados na matriz curricular.

É importante ressaltar que a pesquisa apresentada neste trabalho tem limitações significativas, sendo a principal a amostra reduzida a sete jornalistas. Outras investigações devem, portanto, ampliar o número de entrevistas para ajudar a compreender de forma mais precisa o cenário jornalístico regional.

REFERÊNCIAS

FRANÇA, Henrique E. Cabral; ALVES, Silvana Torquato Fernandes. Dados em questão: a formação de jornalistas brasileiros e o acesso e uso de dados abertos na produção de notícia. *In: Los medios de comunicación como agentes de educación social*. Egregius, 2020. p. 143-160.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

MANCINI, Leonardo; VASCONCELLOS, Fábio. Jornalismo de Dados: conceito e categorias. **Revista Fronteiras**, v. 18, n. 1, 2016.

OLIVEIRA, Ana Paula; ANGELUCI, Alan César Belo. Competências e Habilidades em Jornalismo de Dados: Percepções sobre o Perfil do Profissional Brasileiro. **Pesquisa em jornalismo brasileiro**, [S. l.], v. 15, n. 2, pág. 381–399, 2019. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/1141>. Acesso em: 05 jan. 2023.

SILVA, Naiana Rodrigues da; MARTINS, Adriana Silveira. O ensino de jornalismo investigativo e de jornalismo de dados no Ceará: um estudo sobre abordagens nos cursos de graduação. *In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM JORNALISMO INVESTIGATIVO*, 6., 2019, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ABRAJI, 2019.

TRÄSEL, Marcelo. **Entrevistando planilhas**: estudo das crenças e do ethos de um grupo de profissionais de jornalismo guiado por dados no Brasil. Tese (Doutorado em Comunicação Social), PUCRS, Porto Alegre, 2014.

VENTURA, Mariane Pires. **O ensino de jornalismo de dados: desafios e possibilidades**. 2021. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.